



ISSN 1984-5634

## ENTREVISTA

### **MOVIMENTOS QUE ENREDAM A HISTÓRIA, QUE PERFAZEM A VIDA. ENTREVISTA COM MARIA DE FÁTIMA COSTA**

*Movements that entangle history, that make up life.  
Interview with Maria de Fátima Costa*

**THIAGO COSTA<sup>1</sup>**  
**ARIADNE MARINHO<sup>2</sup>**  
**BENONE LOPES<sup>3</sup>**

Natural de Salvador, Bahia, Maria de Fátima Costa é uma mulher do seu tempo. Atuou por mais de 38 anos na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde se aposentou como Professora Titular. Lá fundou o grupo de pesquisa *História, Arte, Ciência e Poder* (HISARCIPO/ UFMT-CNPq), em 2000, que ainda coordena. Além disso, entre os anos 2000 e 2007 foi Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Seu nome está indelevelmente associado aos estudos dos viajantes no interior americano, vale dizer, de artistas e cientistas exploradores – em sua maioria, de europeus – que entre os séculos XVIII e XIX palmilharam minuciosamente os territórios da América Meridional.

Possui graduação, mestrado e doutorado em História, por diferentes universidades brasileiras. Iniciou os estudos em História ainda em Salvador, em 1975, na Universidade Federal da Bahia. Logo transferiu-se para a Universidade Federal do Ceará, onde concluiu o curso em 1980. Foi aí, na instituição de ensino superior e nos espaços interiores cearenses, que teve contato com história política e social mais viva, aquela vivida por homens e mulheres do campo. Em 1981, chegou em Cuiabá e na UFMT, para iniciar uma sólida e bem-sucedida carreira docente nesta universidade. Entre 1984 e 1987 realizou o mestrado pela Universidade de Brasília (UnB), que resultou na dissertação intitulada, “Tanque Novo: a dimensão política de

#### **EDITOR-CHEFE:**

Lúcio Geller Junior

#### **EDITORA-GERENTE:**

Maria Eduarda Magro

**SUBMETIDO:** 18.10.2021

**ACEITO:** 04.02.2022

#### **COMO CITAR:**

COSTA, T.; MARINHO, A.;  
LOPES, B. Movimentos que  
enredam a história, que  
perfazem a vida. Entrevista  
com Maria de Fátima Costa.  
*Aedos*, v.14, n.31, p.289-303, jul.–  
dez., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

1 Historiador. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Contato: thiagocosta248@yahoo.com.br.

2 Historiadora. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Contato: dinhaamm@hotmail.com.

3 Historiador. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Contato:benonelopes@gmail.com.

um movimento religioso em Mato Grosso (1930-1934)”. Mais tarde, entre os anos de 1993 e 1997, frequentou o doutorado em História Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), pela qual recebeu o título de doutora com a importante e reconhecida tese “Notícias de Xarayes: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII”, trabalho primoroso que traz novas metodologias e abordagens históricas para a tradição historiográfica brasileira.

Nos anos de 2003 a 2004 realizou o (primeiro) estágio de pós-doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, em Crítica e História da Arte. E nos anos de 2015 a 2016 realizou o (segundo) estágio pós-doutoral, desta vez na Universidade de São Paulo, USP, aprofundando os estudos em Cartografia Histórica.

Seus livros e artigos são referência na historiografia nacional e internacional. Suas pesquisas tratam da ciência e da arte envolvidas nas expedições naturalistas entre os séculos XVIII e XIX, bem como em suas formações e desdobramentos. Desta forma, Maria de Fátima Costa aborda não apenas os resultados publicados por esses personagens de trânsito incerto, mas se dedica de igual modo a um minucioso e árduo trabalho de investigação em diversos arquivos brasileiros e estrangeiros, articulando diferentes fontes, como diários, cartas, relatórios, esboços, desenhos, imagens. Assim, oferece ao seu leitor – e aos seus numerosos alunos e ex-alunos nas diferentes universidades por onde passou – as múltiplas dimensões dessas viagens e desses viajantes. Seus variados interesses e diferentes escopos. Entre outros aspectos, as obras de Costa nos revelam a intimidade, o dia a dia das expedições, seus instrumentos e suas paixões; enfim, a sensibilidade e a cobiça de homens e mulheres diante da magnitude de uma natureza ainda parcialmente desconhecida ao imaginário europeu e sua reação e pré-conceitos diante de regiões e de povos, indígenas e africanos, na América do Sul.

E, como se trata de um tema interdisciplinar, Fátima Costa ainda se dedica a entender a História da Cartografia<sup>4</sup>, a História Ambiental<sup>5</sup> e a História Indígena<sup>6</sup>, temas sobre os quais tem publicado dezenas de artigos e livros. Muitas das suas pesquisas relativas à artistas-viajantes e exploradores naturalistas foram realizadas em parceria com seu companheiro de vida e trabalho, o historiador da arte Pablo

4 A História da Cartografia ou Cartografia Histórica faz parte dos esforços dos historiadores que, desde o século passado, têm criado metodologias específicas para a leitura de algumas fontes, neste caso os mapas. Conforme J.B. Harley, “os mapas são uma linguagem gráfica que se deve decodificar. São uma construção da realidade, imagens carregadas de intenções e consequências que se podem estudar nas sociedades de seu tempo. Igual aos livros, são também produto tanto das mentes individuais como dos valores culturais mais amplos em sociedades específicas” (HARLEY, 2005 [2001], p. 62).

5 Para o historiador estadunidense e um dos pioneiros nesse campo Donald Worster, a “história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “supernatural”, de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas”. Conforme o mesmo autor, seu objetivo principal é “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (WORSTER, 1991 [1988], p. 199-200).

6 Na introdução da sua tese de livre docência, *Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo*, John M. Monteiro apresenta um breve e bem fundamentado resumo das fases de desenvolvimento dos estudos da História Indígena no Brasil e suas tendências teórico-metodológicas atuais. Em suas palavras, “Marcada, de certo modo, pela divisão entre uma tradição americanista – na qual passou a predominar o estruturalismo sobretudo nos anos 70 – e outra tradição, mais arraigada (desde os anos 50), voltada para os estudos de contato interétnico, a etnologia brasileira passava a integrar a seus repertórios as discussões pós-estruturalistas de autores como Renato Rosaldo e Marshall Sahlins, entre outros, cujas abordagens davam um papel dinâmico para a história na discussão das culturas, das identidades e das políticas indígenas. Ao mesmo tempo, redescobria-se autores mais antigos, como Jan Vansina (1965), cujo uso de narrativas orais como fontes históricas mostrava-se um caminho rico para se chegar às perspectivas nativas sobre o passado. Neste sentido, a utilização inovadora de documentos históricos e de teoria social, enriquecida por novas leituras de mito, ritual e narrativas orais como formas alternativas de discurso histórico, apresentava um roteiro bastante atraente para explorações em histórias nativas, colocadas de forma instigante no plural” (MONTEIRO, 2001, p. 6/7).

Diener<sup>7</sup>, assim, compartilham, entre outras pesquisas, as que embasaram obras como *Spix e Martius: Relatórios ao Rei* (2018), *Bastidores da Expedição Langsdorff* (2014), *Um Brasil para Martius* (2012), as duas edições de *Rugendas e o Brasil* (2002), *A América de Rugendas. Obras e documentos* (1999) e o recém-publicado *Rugendas. El artista viajero* (2021). Mas, sem dúvida, seu livro mais emblemático é o *História de Um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, que Maria de Fátima publicou em 1999, no qual apresenta não só as diversas leituras que os ibéricos fizeram da maior região alagada do mundo, mas, de igual modo, o processo de invenção do que hoje conhecemos como Pantanal, uma extraordinária extensão molhada que abrange os estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e ainda os países da Bolívia e do Paraguai. Derivada de sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), a obra é um marco na historiografia nacional como um dos trabalhos pioneiros no âmbito da cartografia histórica e história ambiental.

Em suma, Maria de Fátima Costa é uma pesquisadora de méritos reconhecidos, tanto no Brasil quanto no exterior, seja por outros pesquisadores, seja por um número ainda maior de alunos e ex-alunos. Como professora, foi e segue formando muitas gerações de historiadores. Além, é claro, de ser mãe e avó; mas, sobretudo, uma cidadã. Uma historiadora preocupada não apenas com os fenômenos e os registros do passado, como igualmente com o seu o próprio tempo. Mesmo durante o isolamento provocado pela pandemia da Covid-19, Fátima Costa dispôs-se a responder nossas questões nesta entrevista realizada em uma agradabilíssima tarde/noite do dia 25 de julho de 2020, por meio da plataforma digital *GoogleMeet*. Em cada resposta, ao lado de seu vasto conhecimento, deixa resplandecer a todo momento sua inquestionável preocupação com as condições da humanidade e, assim, revela-nos sua profunda sensibilidade.

Nas páginas que seguem, apresentamos o percurso de vida e a história da professora-pesquisadora Maria de Fátima Costa. Seu conteúdo interessa não apenas aos iniciados, aqueles que já conhecem e empregam o farto material produzido por essa versátil historiadora. Mas pode aguçar também a curiosidade daqueles que se iniciam nas tramas de *Clio*. De qualquer modo, esta entrevista forma antes de tudo uma singela homenagem à nossa querida, rígida e sempre presente professora Fá, como - sem protocolos - nos acostumamos a chamá-la.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Em primeiro lugar, apresente-nos sua trajetória acadêmica, da graduação ao pós-doutorado.*

**Maria de Fátima Costa:** Eu nasci e me criei em Salvador, Bahia, e nunca pensei em ser historiadora. Quando terminei o colegial, a minha vontade era estudar Arqueologia, só que à época - para mim - era muito difícil, estamos falando do início da década de 1970. Em 1974 eu terminei o colegial e em Salvador não tinha esse curso. Eu poderia fazer depois uma pós-graduação ou estudar fora, mas minha família não tinha condições para isso. Então, ao me inscrever para o exame de vestibular marquei

<sup>7</sup> Pablo Diener realizou graduação e doutorado em História da Arte na Universidade de Zurique e fez estágio de pós-doutorado na UnB, Brasília. A sua tese de doutorado deu origem ao importante catálogo da obra do artista-viajante bávaro Johann Moritz Rugendas, publicada com o título de "Rugendas. 1802-1858. Catálogo razonado de la obra" (Augsburgo: Wissner Verlag, 1997); a parte relativa às obras que Rugendas dedicou ao nosso país serviu de base para o livro *Rugendas e o Brasil*, realizado em parceria com Maria de Fátima Costa. Como pesquisador tem realizado investigações sobre expedições científicas que tiveram como destino a América Latina nos séculos XVIII e XIX, e costuma explorar as relações entre a História da Arte, a História das Ciências e a Teoria e Filosofia da História. Trabalhou como curador de exposições no Chile, México, Brasil e Alemanha. É Professor Associado aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso.

História, imaginando que poderia ser o caminho para chegar à Arqueologia. Iniciei o curso de História na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Isso foi em 1975. E, lógico, à medida em que eu avançava no curso ia percebendo que era tudo o que eu queria. Na UFBA tive professores que me marcaram muito, como Johildo Athaide de Introdução ao Estudo da História, também os professores de História Antiga, que me fizeram ler os clássicos... Platão, Heródoto, Homero, Virgílio. Lembro-me também do professor Waldir Freitas Oliveira, de Medieval, História da Cultura e de outros, como o de História da Cultura Baiana que me escapa o nome. Fui aluna também do professor José Calazans, um estudioso de Canudos, que nos contava sobre suas pesquisas de campo. Entre 1975 e 1978 eu estudei em Salvador e a UFBA foi realmente uma escola para mim, onde além de estudar fiz bons amigos. Mas, em 1978, por questões familiares, tive que me mudar para Fortaleza, e depois de algumas tentativas consegui a transferência para o curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde concluí minha graduação.

Eu entrei na Federal do Ceará no segundo semestre de 1979 e aí era outro mundo. Em termos de qualidade de ensino, naquela época, o curso da UFBA era melhor, sem dúvida. Mas no Ceará a relação com os professores e com os colegas, no geral, era muito mais próxima e intensa. Em Fortaleza tivemos uma atuação muito grande na retomada do movimento estudantil. Em 1980, fizemos o primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Histórias. O primeiro após o Golpe de 1964. Esse encontro foi muito significativo, pela primeira vez os estudantes de história de todo país se reuniam para discutir a situação que vivíamos e o papel da história nesse processo, e convidamos lideranças sindicais e camponesas, entidades de classe, lideranças do movimento estudantil e professores para participarem conosco.

No final da década de 1970 no Ceará havia uma grande aproximação dos estudantes da UFC com as Comunidades Eclesiais de Base (CBES). E dentro da nossa Faculdade, a de Humanidades, o pessoal de Psicologia era bastante ativo. Vez ou outra levava pessoas envolvidas com movimentos políticos e sociais para fazer palestras, contar suas experiências; algo muito vivo. Uma dessas pessoas foi o bispo de Crateús, uma diocese muito atuante, Dom Frágoso, que em conversa nos convidou para ir até Crateús conhecer o trabalho que faziam. E nós – falo de mim e de um grupo de colegas – aceitamos e fomos envolvidos com isso. Passamos a ir para o interior, principalmente à cidade de Novo Oriente (região de seca), cuja paróquia era ligada ao bispado de Crateús e depois também a Aratuba – cidade serrana, próxima de Fortaleza, ligada a outra diocese. Nesses lugares nos juntávamos aos padres e freiras na convivência com os agricultores, camponeses. Nenhum de nós era católico, mas respeitávamos bastante o trabalho que estes religiosos desenvolviam seguindo a Teologia da Libertação<sup>8</sup>. Foi nesse mundo que eu tive mais contato com uma história que não era só teórica, livresca, mas uma história viva e vivida por aqueles homens e mulheres, sem escolaridade, mas plenos de instrução. Então acreditávamos que havia uma grande mudança em curso e trabalhávamos para que ela acontecesse.

E foi na relação com os agricultores que eu aprendi a ouvir. Esse foi um dos maiores aprendizados que eu tive. Porque quando se é jovem, achamos que sabemos de muita coisa. Não sabemos ouvir, só queremos falar. E com aqueles camponeses, reunidos debaixo de árvores, à beira de açudes, comendo

<sup>8</sup> De origem latino-americana, a Teologia da Libertação consiste em uma perspectiva de interpretação da teologia cristã que enfatiza o auxílio espiritual e material prioritariamente aos pobres e, por isso, com frequência assume um caráter político. Entre seus principais teóricos estão Frei Betto (Brasil), Jon Sobrino (El Salvador), Leonidas Proaño (Equador) e Juan Luis Segundo (Uruguai).

ou caminhando, eu eduquei meus ouvidos para escutar e refletir. Aprendizado que me acompanha até hoje e muito me ajudou na sala de aula.

Eu comecei a dar aulas muito cedo, ainda sendo aluna, na graduação. Em Salvador dei aulas em cursos de pré-vestibular e supletivo, continuei em Fortaleza, agora no curso Pró-Técnico, oferecido pela então Escola Técnica Federal do Ceará, hoje Instituto Federal. Concomitantemente passei a lecionar em escolas particulares, de maneira que durante quase toda a graduação fui aluna-professora, fato que contribuiu de forma decisiva na minha formação, mas sempre dei aulas para adolescentes e maiores, nunca tive experiências com educação básica.

Concluí o curso no final do ano de 1980, mas só pude colar grau no ano seguinte, porque houve greve. Logo depois deixei Fortaleza. A ideia era ir para São Paulo, mas vim ver amigos aqui em Cuiabá e tudo mudou. Visitando o Núcleo de Documentação Informação Histórica Regional, o NDIHR – UFMT (que funcionava no prédio da Faculdade de Agronomia) fiquei sabendo que o novo Departamento de História estava precisando de professores. Fui até lá e me apresentei ao chefe do departamento, o então professor, filósofo, Antônio Crisóstomo, que me entrevistou e contratou. Assim, no mesmo ano em que me formei em Fortaleza entrei para dar aulas na UFMT. Entrei como professora-horista, depois fui efetivada como auxiliar de ensino e comecei minha trajetória como professora universitária.

Quando eu cheguei ao Departamento de História da UFMT eu tinha apenas o curso de graduação e logo procurei me capacitar. Em 1983, aqui mesmo na UFMT, eu fiz um curso de especialização em Didática do Ensino Superior, oferecido pelo departamento de Educação, em seguida fiz seleção para mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e entre meados de 1984 e meados de 1987 morei em Brasília e cursei na UnB o mestrado em História Política do Brasil, sob a orientação da professora Adalgisa Maria do Nascimento, a quem tenho muito carinho e respeito.

No segundo semestre de 1987 já estava de volta a Cuiabá e retomei as minhas aulas na UFMT, ministrando o curso de História do Brasil e comecei também a realizar, institucionalmente, pesquisas. Convidada pelo Núcleo de Estudo Rurais e Urbanos – NERU, passei a fazer parte da sua equipe de pesquisadores. À época o NERU reunia um grupo multidisciplinar – sociólogos, economista, agrônomos, educadores, biólogos e eu era a historiadora – e estava realizando pesquisas sobre os Impactos Ambientais na Bacia do Alto Rio Paraguai - BAP, mas diretamente sobre o Pantanal. A pesquisa era vinculada à Secretaria Estadual de Meio Ambiente e foi desenvolvida em parceria com departamento de geografia da Universidade de Tübingen, Alemanha, via CNPq.

Essa pesquisa sobre impactos ambientais nos impôs grandes desafios, começando pela necessidade de termos uma linguagem comum. Por exemplo, nós das Humanas quando nos referíamos a indivíduos, sociedades ou populações, costumamos ter em mente apenas os seres humanos. E a vivência nesse grupo, principalmente com os colegas das áreas voltadas à história natural, nos mostrou a necessidade de reconhecer como indivíduo todos os seres vivos - animal, vegetal e demais – que também vivem em sociedade e entender as relações sistêmicas que mantêm com o espaço que habitam. Líamos muito, discutíamos bastante, fizemos muitas viagens de campo e passamos a escrever e apresentar os resultados das nossas investigações em eventos acadêmicos. Para mim um grande aprendizado. No NERU fiz amizades que cultivo até hoje.

Nessa época – estamos no início da década de 1990 - comecei a me interessar pelos viajantes naturalistas e me preparar para fazer seleção para o doutorado. Como estávamos estudando o Pantanal,

preparei um projeto unindo os dois temas – viajantes e Pantanal. Minha primeira opção era a Universidade Federal Fluminense (UFF), mas perdi a inscrição porque a Viação Aérea Rio-Grandense, a VARIG<sup>9</sup>, não entregou os meus papéis a tempo, então tentei a USP, única que estava com o processo seletivo aberto. Fui aprovada e entre agosto de 1993 e dezembro de 1997 morei em São Paulo e realizei meu doutorado nessa universidade, em História Social. No primeiro semestre de 1998 já estava novamente de volta a Cuiabá, à sala de aula e as pesquisas na UFMT. Depois, em 2004, fiz o primeiro pós-doutorado, optando pelo departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de História e Crítica da Arte, e mais recentemente, em 2018, fiz o segundo pós-doutorado, desta vez em Cartografia Histórica na USP. Conservo boas lembranças das universidades que estudei. Todas me proporcionaram experiências únicas, que não ficaram restritas à sala de aula e ao mundo acadêmico.

Enfim, em linhas gerais esta foi a minha trajetória acadêmica, eu entrei na universidade em 1975 e nunca mais saí. É a minha casa, são várias casas! Sempre trabalhando e estudando até me aposentar em setembro de 2019. Entrei na UFMT como professora horista e saí como Titular, e continuo pertencendo a essa instituição, pesquisando e produzindo em seu nome.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Foi então em função do seu trabalho no campo, no Ceará, que a senhora escolheu os movimentos sociais como tema em sua dissertação de mestrado?*

**Maria de Fátima Costa:** Já em Salvador eu passei a me aproximar da temática dos movimentos sociais. Muitos gostam de vê-los como movimentos religiosos, mas prefiro caracterizar como movimentos sociais de cunho religioso ou de movimentos socioreligiosos. Acho que essa aproximação surgiu despercebidamente nas aulas do professor Calasans, ouvindo-o contar sobre suas pesquisas em Canudos. Isso despertou minha curiosidade e a vontade de entender melhor esses movimentos. Li os *Sertões*, de Euclides da Cunha, e obras sobre movimentos messiânicos. Depois, já no Ceará, tive oportunidade de fazer uma breve pesquisa sobre o movimento Caldeirão e o Beato Lourenço. À época não havia a obrigatoriedade de se elaborar um TCC, mas - ainda em Salvador - eu já havia sido picada pelo bicho da pesquisa, quando fui bolsistas no projeto *Inserção da Bahia na Evolução Nacional 1850-1889*. Para mim essa pesquisa foi uma experiência maravilhosa por ter me dado a oportunidade de me iniciar como pesquisadora dentro de uma equipe multidisciplinar. Estou falando de 1975 - 1976, era um estudo realizado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Fundação de Pesquisa da Comissão de Planejamento Econômico - CPE<sup>10</sup>, da Secretaria de Planejamento Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia. A equipe era liderada por uma socióloga e composta por professores de diversas áreas. Lembro de economistas, sociólogos, historiadores, enfim um grupo multidisciplinar. E os alunos-bolsistas também eram oriundos de várias áreas. Foi durante essa pesquisa que entrei pela primeira vez em um arquivo, o Arquivo Público da Bahia. Nós, os bolsistas, tínhamos a responsabilidade de levantar dados, sistematizar e escrever pequenos textos que eram discutidos, corrigidos, emendados e incorporados ao estudo. Eu comecei na pesquisa nesse contexto. E quando cheguei em Fortaleza queria continuar a realizar pesquisas. Na UFC encontrei um grupo de professores que trabalhava com movimentos sociais. Ocorre que nas minhas idas ao interior, eu havia conhecido o padre Geraldinho

<sup>9</sup> Fundada em 1927, foi uma das primeiras e principais empresas aéreas brasileiras, e entre os anos de 1960 e 1990 foi umas das mais conhecidas no mundo. Decretou falência em 2006.

<sup>10</sup> Atualmente Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, SEI.

– Geraldo Oliveira Lima –, pároco de Novo Oriente, ligado ao CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que era um historiador autodidata. Ele havia feito estudos sobre a passagem da Coluna Prestes e em conversas me falou sobre um movimento social chamado *Caldeirão*, liderado pelo Beato Lourenço. Então, no final da graduação, eu realizei um estudo sobre este tema, sob a orientação da professora Maria do Carmo (seu sobrenome fugiu da memória). Enfim, eu cheguei à UFMT com uma ideia de movimentos religiosos de caráter messiânico como Canudos e Caldeirão. E aqui todos falavam de uma santa de Poconé de um lugar chamado Tanque Novo, liderado por uma mulher, Laurinda de Lacerda Cintra, conhecida por Doninha. Eu não conhecia nada, nada mesmo, da História de Mato Grosso e resolvi fazer desse movimento o objeto da minha dissertação de mestrado, que ao ficar pronta recebeu o título de *O Tanque Novo: a dimensão política de um movimento religioso - 1930-1934* (UnB, 1987).

Ao iniciar o trabalho eu imaginava que se tratava de um movimento de caráter messiânico e embarquei na pesquisa com esse arcabouço teórico, mas no desenrolar da investigação fui percebendo que o Tanque Novo não tinha nada, absolutamente nada de messiânico. Era, em verdade, uma religiosidade popular muito espontânea e dirigida ao imediato, que foi externamente canalizado para questões políticas. Em pesquisa no Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, encontrei diversos títulos de eleitor de pessoas ligadas à Doninha, que se tornaram eleitores para que as suas assinaturas dessem suporte à criação de um partido político de oposição – o Partido Constitucionalista – contra o governo do interventor Júlio Muller<sup>11</sup>. Isso ocorreu em 1932, momento em que a chamada *Revolução Constitucionalista* tinha início no sul do estado, hoje Mato Grosso do Sul.

A partir desses títulos e de entrevistas realizadas com base da História Oral, pude demonstrar que o movimento do Tanque Novo foi manipulado e massacrado por uma questão puramente política. Depois disso, dei por encerrada a minha relação com a temática dos movimentos sociorreligiosos.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Como se deu essa passagem para a história ambiental?*

**Maria de Fátima Costa:** Essa questão tornou-se mais visível com as pesquisas sobre a história do Pantanal, mas começou bem antes. Minha primeira aproximação com a questão ambiental, de forma acadêmica, ocorreu ainda em Fortaleza, junto à professora Luiza Teodoro – a quem eu sou sempre muita grata. Luiza tinha uma relação muito legal e de confiança com seus alunos que para mim foi inspiradora. Bem, além de professora da UFC, ela mantinha vínculos com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, ligada à capacitação de professores da rede pública estadual. Certa feita ela me convidou para participar dessa atividade, abordando a história numa perspectiva ambiental, mas sua pegada era mais que ambiental, era amplamente social. Com ela percebi que não se pode separar o meio ambiente dos processos sociais. A sua ideia – em linhas gerais – era despertar a atenção dos professores para o tema e criar mecanismos para que eles – e, por extensão, os seus alunos – percebessem a relação do homem com o meio-ambiente de forma integrada, sistêmica. Este foi o ponto de partida ao qual retornei no início dos anos de 1990 através da pesquisa sobre o Pantanal que começávamos a desenvolver no NERU, e que também me levou a ministrar a disciplina *História e Ambiente* do curso de Educação Ambiental que o departamento de Educação da UFMT passou a oferecer em parceria

<sup>11</sup> Laurinda Lacerda Cintra, a Doninha, líder religiosa do movimento conhecido como “Tanque Novo”, ocorrido em Poconé, no interior de Mato Grosso, entre 1932-1934. O movimento adquiriu fisionomia política destacada à época ao alinhar-se aos Constitucionalistas e contra o governo e a tentativa de reeleição do intervencionista Júlio Muller, nomeado por Getúlio Vargas para a chefia do estado.

com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. A UFMT foi uma das pioneiras entre as universidades a atuar nessa área.

Um curso de caráter interdisciplinar que visava capacitar profissionais de instituições públicas do Brasil e da América Latina na temática ambiental, e na sala de aula tínhamos alunos de diversas partes do Brasil e de vários países. Lembro de mexicanos, colombianos, cubanos, venezuelanos; profissionais de formação distintas que trabalhavam em seus estados e/ou países, com questões ambientais. Foi uma experiência muito boa, na qual pude explorar as narrativas escritas e visuais de viajantes.

Mas foi na pesquisa para a tese de doutorado que mais me aprofundei na interface entre história e meio-ambiente, pois tinha como objeto o Pantanal, um lugar onde é o ritmo das águas, entre cheias, vazantes e secas que cadencia a vida de todos os seres que ali habitam, sejam humanos, plantas ou animais. Sem entender essa dinâmica não conseguiria entender a sua história.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Em sua carreira acadêmica, a senhora trabalhou com temas diversos, com o emprego de fontes e arranjos teóricos igualmente diversificados. Essa versatilidade, ao lado do ofício docente, contribui para uma compreensão abrangente dos campos e das possibilidades de pesquisa em história.*

**Maria de Fátima Costa:** Sem dúvida. Mas, olhando em retrospectiva, acho que eu trabalhei apenas com dois grandes temas: os movimentos sociais, que estudei inicialmente, e os viajantes-naturalistas que venho perseguindo nos últimos trinta anos. E quando você trabalha viajantes-naturalistas abraça um tema multidisciplinar que te leva a abrir muitas e diferentes frentes de interesse. Pois, o que é uma viagem científica? Um grupo de cientistas de diferentes áreas que se deslocam pelo mundo coletando informações, reunindo coleções naturalistas, fazendo registros visuais e anotando o dia a dia da viagem e os seus afazeres. São esses materiais que depois vão compor o acervo que nós, pesquisadores, iremos estudar. Eu gosto de dizer que as viagens científicas se configuram como um tema guarda-chuva, que acolhe um número sem fim de subtemas, que se apresentam a partir das questões levantadas pelo pesquisador. E são muitas as perspectivas que se abrem; é preciso fazer escolhas, recortes.

E o pesquisador, quando recorta o seu tema, precisa ter ciência se, sinceramente, tem as condições metodológicas e instrumentais para realizar o estudo que se propõe. Se não tem, precisa se capacitar, buscar ajuda ou mesmo desistir e buscar outra temática. Por exemplo, no caso de viajantes, normalmente tomamos como fonte principal as narrativas, que são de três tipos: a textual, que é a mais conhecida (diários, cartas, relatórios); a iconográfica, desenhos e pinturas; e as cartográficas, os mapas levantados no percurso. Todos esses materiais exigem que o investigador domine minimamente o instrumental para lidar com cada uma delas, para poder selecionar os temas que são abordados, que podem ser, por exemplo, questões indígenas, descrição da paisagem, a rota, populações, costumes, vestimentas e mais um sem fim de possibilidades. Além disso a própria documentação pode ser utilizada como tema. Numa investigação como a que costumamos realizar temos acesso a um conjunto documental enorme, muitas vezes inédito, que também procuramos tornar público. Eu fico muito grata quando encontro fontes compiladas, transcritas e publicadas. A possibilidade de saber que esse material existe e está disponível é uma grande ajuda, um presente. Quantas vezes eu tive acesso a dados e informações preciosas porque outros pesquisadores tiveram a generosidade de dividir suas fontes. Assim, sempre

que posso fazer isso. Agora mesmo, eu e Pablo Diener – meu parceiro de vida e trabalho há quase trinta anos - acabamos de publicar os relatórios que Spix e Martius enviaram ao rei da Baviera enquanto viajavam pelo Brasil, entre 1817-1820. Um material pertencente ao arquivo da Academia das Ciências de Munique, Alemanha, que utilizamos fartamente na escrita do nosso *Martius* (DIENER e COSTA, 2018a). Um conjunto documental, de fato, muito, muito rico e inédito que, desde o início da pesquisa, achamos que deveríamos traduzi-lo e publicá-lo, possibilitando que outros pesquisadores tivessem acesso e felizmente conseguimos (COSTA e DIENER, 2018b). Já havíamos feito isso com as cartas de Martius (DIENER e COSTA, 2012), com cartas do artista-viajante J.M. Rugendas (DIENER e COSTA, 1999) e, junto com Flávia Domingos, pudemos publicar o processo que no final do século XVIII a coroa portuguesa moveu contra o governador e capitão general de Mato Grosso, João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (COSTA e DOMINGOS, 2009). Um documento com centenas de páginas manuscritas que havíamos utilizado durante a pesquisa que realizamos sobre a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, a *Viagem Filosófica*.

Já a cartografia, não sei bem se eu cheguei a ela ou foi ela que chegou a mim. Isto ocorreu quando eu estava realizando a pesquisa para a minha tese de doutorado, que ao ser concluída recebeu o título de *Notícias de Xarayes. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, e depois foi publicada como *História de um país inexistente. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII* (COSTA, 1999). Nesse estudo tive como fontes principais as narrativas de três conquistadores, o espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, o alemão Ulrico Schmidl e o paraguaio Ruy Díaz de Guzmán, personagens que percorreram e descreveram a região centro-interior da América do Sul nos séculos XVI e XVII. Estudando um “país inexistente” eu precisava entender essa “inexistência” e isso só foi possível quando percebi que além de analisar as descrições textuais eu precisava ver a maneira como o lugar, com seus cursos fluviais, núcleos de povoamento, territórios indígenas, foram desenhados em mapas, e observar a toponímia, os caracteres gráficos e os vazios, entre outros dados. Foi no cruzamento das informações extraídas dos mapas com os narrados pelos cronistas-conquistadores que consegui entender o lugar e ver, afinal, que o Pantanal era uma invenção luso-brasileira realizada no final do século XVIII. Isso me deu um trabalho enorme, porque eu nunca tinha estudado cartografia e precisei buscar muita ajuda, tanto da bibliografia especializada como de colegas cartógrafos e geógrafos, que me levaram a ter contato com as novas perspectivas de análise que estavam sendo utilizadas nos estudos da cartografia histórica. Algumas pessoas têm dito que, entre nós, *A história de um país inexistente* é um dos trabalhos inaugurais nessa nova perspectiva da cartografia histórica e isso sempre me surpreende. Nunca tive essa perspectiva nem intenção, apenas segui o curso que a pesquisa me indicou. Enfim, são os desafios impostos pela temática e objetos escolhidos que me levaram a áreas diversas e à necessidade de fazer distintos arranjos teóricos.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** Sua tese de doutoramento tornou-se um livro amplamente conhecido e esgotado, *“A história de um país inexistente. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII”* (Estação Liberdade/Kosmos, 1999). Comente-nos um pouco sobre a obra.

**Maria de Fátima Costa:** Foi um estudo que me deu muito, muito trabalho, mas que me trouxe e continua trazendo grandes alegrias. Como comentei anteriormente, ao elaborar o projeto de tese, a minha perspectiva era trabalhar com as narrativas de viajantes que estiveram e descreveram o Pantanal no século XIX, procurando entender como este espaço fluvial-lacustre surgiu no imaginário ocidental

e quais as suas características. Entretanto, ao revisar essas narrativas nada encontrei, ampliei o recorte temporal e fui para o século XVIII, e nele encontrei mais questões que respostas. Foi quando percebi que não bastava entender a história do lugar apenas na perspectiva luso-brasileira; isto me levou a ampliar mais ainda o arco temporal da pesquisa, abarcando o XVI e o XVII e incluir as narrativas dos conquistadores espanhóis. Nesse processo – a partir das descrições – encontrei a *Laguna de los Xarayes*, pois era assim que os castelhanos chamaram a área inundável localizada no coração da América do Sul. Inesperadamente fui colocada de frente a um mito geográfico, que, por sua vez, se mostrou prenhe de histórias próprias do maravilhoso. Mito que surgiu a partir das narrativas textuais e chegou aos mapas. A partir do século XVII a lagoa de Xarayes passou a ser a imagem do interior sul-americano nas cartas geográficas publicadas no mundo ocidental, à exceção das portuguesas.

Para realizar essa pesquisa visitei arquivos e bibliotecas no Brasil, Espanha, França, Inglaterra, Paraguai e Argentina. E no cruzamento de fontes pude ver que a caracterização da região como Pantanal só surgiu no século XVIII e nas narrativas dos conquistadores luso-brasileiros. Foram os mamelucos paulistas – os bandeirantes – que no início do século XVIII adentraram a região e, seguindo no sentido norte, encontraram as Minas do Cuiabá. Logo, as expedições comerciais conhecidas como Monções passaram a transitar pela região alagável e os monçoeiros, desconhecendo as narrativas espanholas e a cartografia europeia, passaram a chamar, descrever e representar o lugar de Pantanal, como apresentei na tese que defendi em dezembro de 1997. Contudo, ainda me faltava responder a uma questão que me incomodava muito: como se deu a transposição de Xarayes da narrativa escrita à narrativa cartográfica, aos mapas? Em outras palavras: qual foi o primeiro mapa que representou Xarayes e quem o desenhou?

Amparada por uma bolsa do CNPq, conseguida via convênio do NERU com a Universidade de Tübingen, poucos dias depois de defender a tese embarquei para a Alemanha e, com o aval dessa universidade, pude visitar acervos cartográficos de muitas bibliotecas na Alemanha e também da Holanda, e foi justamente no Museu Naval de Amsterdã, revisando o Atlas que W. J. Blaeu publicou em 1631 que encontrei, em página dupla, o mapa do “Paraguay, Provincia de la Plata, Tucuman y Santa Cruz de la Sierra”, que trazia no verso de uma das folhas a explicação do desenho, escrita em latim. Nesse texto reconheci a narrativa do cronista maior de Espanha Antonio de Herrera y Tordesillas, publicado no início do XVII e pude finalmente fechar a questão. Quando voltei à UFMT, com base nesses dados, escrevi um pequeno projeto e como resultado elaborei um artigo. Ao publicar o livro, transformei o artigo no capítulo “Nos Pantanaís dos Xarayes”, fechando o círculo.

Em termos teóricos, a pesquisa teve como suporte inicial a história das mentalidades, e usei bastante o conceito de “circularidade”<sup>12</sup>. Mas na USP eu tive aulas com a Mary del Priore que me proporcionou o primeiro contato com a Nova História Cultural e com o conceito de representação, que se fez essencial no estudo. Por isso o livro tem uma pegada culturalista, embora meu impulso inicial tenha sido a história das mentalidades.

12 O conceito de “circularidade cultural” foi proposto por Carlo Ginzburg em sua famosa obra *O queijo e os vermes* (1976). Orientado em parte pelo “problema da circularidade da cultura formulado por [Mikhail] Bakhtin” (2006 [1976], p. 19), Ginzburg caracterizou seu conceito como o “influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI”, isto é, que “entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2006 [1976], p. 15 e 10). A “circularidade” como definida pelo historiador italiano corresponde, no trabalho de Maria de Fátima Costa, a compreensão de que as representações do interior americano formuladas por agentes europeus refletiam senão as imagens com quais identificavam-se a si próprios. Essas imagens de si projetadas sobre o outro circulavam por meio de seus escritos e desenhos e, assim, adquiriam estatuto de verdade na medida em que eram apropriadas por diferentes setores da sociedade, tanto americana quanto europeia.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Em quase 4 décadas como professora e pesquisadora no curso de história da UFMT, a senhora formou muitas gerações de historiadores. Como vê a docência nesse longo caminho profissional e na prática da pesquisa?*

**Maria de Fátima Costa:** Eu nunca consegui dissociar a prática da docência da investigação científica e acadêmica. Ao meu entender o professor, ao preparar uma aula, faz uma pesquisa bibliográfica. Nessa prática ele sempre é um pesquisador. Existe a pesquisa, digamos, mais dirigida, historiográfica, mas existe a pesquisa do dia a dia, do reconhecimento da aprendizagem, da preparação das aulas, que é comum a todos os professores, universitário ou não. Cada aula é uma aula e exige preparação, não se deve repetir, aliás é difícil de repetir. Eu nunca consegui, mesmo ministrando por anos a mesma disciplina. Isto por um lado. Mas, por outro, há o trabalho nos arquivos, que também acho essencial. O professor é um investigador. E você associa isso à prática historiográfica.

Em sala de aula o professor é quase um ator: precisa saber se colocar diante dos alunos – o seu público –, regular a entonação da voz, evitar dispersão, ser lúdico, mas principalmente ter o domínio do conteúdo que vai ministrar; e esse é fruto de pesquisa. A articulação entre o pesquisador e o professor é visceral, involuntária, se dá desde a preparação até a própria aula, quando divide o conhecimento com os seus alunos. Ser professor de história não é só ensinar história, mas ensinar os estudantes a pesquisar e a ser crítico, questionar autores e fontes. Saber incitar no aluno a dúvida fazendo com que questione o professor. Para mim o aluno ideal é o que me questiona, desafia, provoca, me traz ao confronto, porque me leva a buscar outras respostas. Por exemplo, muito do que colocamos nos *Bastidores da Expedição Langsdorff* (COSTA e DIENER, 2014) é fruto de discussões e questionamentos propostos por nossos alunos em sala de aula. Nesse sentido para mim foi muito desafiador os três anos em que – como professora convidada – ministrei aulas para mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFRGS que, em sua maioria eram artistas e críticos de arte, e as perguntas que me faziam me levavam a ver os objetos que eu estudo e sobre os quais me julgava especialista a partir de outros ângulos.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *A senhora foi formada e, de fato, iniciou o caminho na academia em um contexto de ditadura militar. E, infelizmente, vivemos na atualidade um contexto ainda marcado pelo militarismo. O que poderia nos falar sobre suas experiências da época da ditadura e quais os ensinamentos que lhe acompanham ainda hoje?*

**Maria de Fátima Costa:** Desde o ensino médio que eu convivi com o contexto da ditadura militar. Estudei em escolas públicas: fiz o ginásio no Colégio Estadual Manuel Devoto e o científico no Colégio Estadual da Bahia, o “Central”. Em ambos, dentro e fora da sala de aula, vivíamos sob essa sombra. O Devoto está localizado muito próximo do quartel militar de Amaralina<sup>13</sup>; a diretora era esposa do coronel comandante desse quartel e procurava nos manter sob disciplina militar. Diariamente controlava nossos uniformes, postura, tínhamos de cantar os hinos e referendar os símbolos pátrios e os conteúdos eram controlados. Mas muitos professores conseguiam criar formas de nos proporcionar um ensino mais completo, através da literatura e incentivando-nos a práticas criativas. Nessa época, estávamos no final da década de 1960, junto com os colegas, eu me vinculei a uma célula do movimento estudantil

13 Bairro na região sul de Salvador.

secundarista e fizemos pequenas ações, principalmente de propaganda e panfletagem, denunciando torturas e desaparecimentos de pessoas. Eram pequenas maneiras de resistir e rebater o domínio militar. Já na universidade, tanto em Salvador quanto em Fortaleza, tínhamos mais dificuldades de realizar ações, havia muito mais controle. Eu lembro de um livro sobre a guerra com o Paraguai – não recordo o autor, apenas o título: *Solano Lopes, o Napoleão do Prata* (CANCOGNI e BORIS, 1976 [1ª edição italiana de 1970]) – que lemos de uma maneira muito criativa. Alguém conseguiu o livro e o desencadernou e as folhas nos eram passadas, as vezes uma, duas ou três: eu levava as minhas páginas, lia e depois passava aos outros colegas, que procediam da mesma forma, e assim íamos lendo. Fizemos isso também com outros livros. Havia uma grande vontade de ler, de buscar conhecimento. Líamos e discutíamos as obras nos intervalos, nos encontros depois das aulas ou em atividades sociais. Sabíamos, no entanto, que entre nós havia colegas “dedo-duros” e tive amigos que foram presos e torturados. A ditadura foi algo muito palpável para a minha geração e nos deixou marcas indeléveis. Depois veio a “Abertura”. Na realidade, foi uma pseudo-abertura, muito lenta. Eu lembro que quando começamos a ir para as ruas a repressão era grande. Na UFC fizemos várias atividades política-culturais: promovíamos cursos de literatura, de poesia, oficinas de leitura, reuniões. Também, como já comentei, procuramos atuar junto à Igreja Católica, com a Teologia da Libertação, este foi um canal importante. Havia uma militância, dentro do possível, mas sempre disfarçada. Às vezes até parecíamos alienados, mas dentro dessa aparência estávamos burlando o sistema e criando espaços de atuação. O primeiro Encontro Nacional de Estudantes de História foi um desses espaços. Na verdade, um acontecimento, um marco. Também fazíamos pequenos, mas significativos, eventos no prédio de Humanidades. Certa feita os alunos de psicologia levaram Luís Carlos Prestes. E foi algo fantástico! Realmente um acontecimento. Prestes tinha acabado de voltar do exílio. Tínhamos no prédio um livreiro, já bem velhinho – pelo menos, com vinte e pouquinhos anos, assim o víamos – que tinha sido companheiro de Prestes, na Coluna. Ninguém sabia disso e foi uma surpresa quando o vimos chegar trajando o uniforme com seu lenço vermelho no pescoço. Quando Prestes chegou, ele foi em sua direção e se abraçaram fortemente. Foi realmente emocionante. E Prestes fez um discurso memorável. Havia tanta gente, estudantes e pessoas de várias entidades e movimentos políticos, não havia lugar, muitos até subiram nas árvores para poder assistir. Momentos que realmente não se apagam da memória.

Mas, como estava comentando, a Abertura não foi um processo imediato. Esses eventos foram entre 1979 e 1980. Todos nós estávamos forçando, tentando romper aquele círculo. A Constituinte foi de 1987, a Constituição em 1988, mas as coisas já estavam em curso antes, começaram por volta de 1984 – 1985 e aos poucos foram crescendo. Nosso encontro de estudantes de história foi em 1980. Antes disso, em 1979, houve o congresso de reabertura da UNE em Salvador. Eu estive lá, foi quando conheci, aliás, conhecemos, José Genuíno, que também havia voltado do exílio. Ele procurou os estudantes do Ceará e conversou bastante, contou da Guerrilha do Araguaia, do exílio e outras coisas. O José Serra também esteve nesse congresso e fez um discurso muito emocionante. Eu me lembro claramente. Emocionou a todos. E depois vira essa cara aí... enfim. São momentos construtivos da nossa história. Tudo isso nos deixou marcas indeléveis e, também, a certeza de que não podemos nos deixar abater, que sempre é preciso criar formas de resistir, mesmo que seja com pequenas atitudes. Resistir.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Durante muitos anos a senhora coordenou – e continua coordenando – o grupo de pesquisa “História, Arte, Ciência e Poder”, que até a aposentadoria atuou na graduação e, entre 1999 – 2011, também na pós-graduação em história da UFMT. Conte-nos um pouco a respeito do trabalho do grupo dentro e fora da UFMT e, de maneira geral, a importância da existência de grupos como esse na formação e desenvolvimento, tanto de pesquisadores individualmente quanto do futuro da ciência no Brasil.*

**Maria de Fátima Costa:** É uma célula base, né? Já que estamos recordando esses movimentos (risos). Eu já havia participado de outros grupos de pesquisa antes. Primeiro em Salvador e depois a participação no NERU. Para mim o NERU foi um local de grande aprendizado, muito importante na minha trajetória. Nessa época, logo após o meu retorno do doutorado – falo agora do final dos anos de 1990 –, a UFMT estava estruturando a pesquisa, quase não havia grupos e ainda não havia cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* e pouquíssimos professores faziam pesquisas. Era só sala de aula. A pós-graduação na UFMT começou nesse período e o primeiro doutorado foi oferecido pelo departamento de Educação. E a universidade precisava de doutores e pesquisadores para desenvolver a pós-graduação, em vista disso a instituição deu muito incentivo para que o seu quadro docente se capacitasse. Como já lhes falei, eu entrei na UFMT apenas com graduação e muitos outros professores também. Alguns, claro, não se importaram em se qualificar, mas muitos aproveitaram a oportunidade. Quando eu retornei do doutorado – início de 1998 – encontrei na UFMT um movimento de criação de núcleos e grupos de pesquisa, incentivado pelo CNPq e nessa leva, no início do ano 2000, criamos o nosso grupo, o *História, Arte, Ciência e Poder* - HISARCIPO, que agora em 2020 está completando vinte anos. O grupo foi criado institucionalmente pela UFMT, que o vinculou ao diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Pablo ainda não era professor efetivo da universidade, mas em função dos trabalhos que desenvolvíamos em conjunto, se incorporou ao grupo. Desde o início pensávamos que o grupo devia funcionar de modo integrado com alunos de graduação, de pós-graduação e professores-pesquisadores. Eu queria trazer aquela experiência que tive em Salvador e que me marcou muito. Queríamos que nossos alunos se capacitassem de maneira ampla, exercitando a crítica e ampliando o universo cultural. Queríamos que participassem conosco em eventos científicos – congressos, seminários – onde pudessem apresentar seus trabalhos e discutir com outros autores. Fazíamos eventos internos como forma de adquirirem desenvoltura e segurança. Criamos atividades extra pesquisa, como projeção de filmes e leitura de romances, sempre com discussões dirigidas. Hoje já não temos mais alunos, mas o grupo continua vivo e ativo. Continuamos pesquisando e publicando e sempre que possível, promovendo alguma atividade, agora, *online*.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Em 2010, a senhora proferiu a Aula Magna de fundação da Cátedra de História do Brasil do Instituto de História da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Conte-nos um pouco sobre a experiência. E, nesse sentido, como a senhora caracterizaria a contribuição da historiografia brasileira para as ciências humanas e sociais, tanto sul-americana quanto numa perspectiva mais ampla?*

**Maria de Fátima Costa:** A PUC de Santiago do Chile criou a cátedra e quem estava à frente era o professor Rafael Sagredo, que conhece o trabalho que desenvolvemos. Então, ele me convidou para ministrar a Aula Magna de abertura dessa Cátedra. Naquele momento, o nosso país estava tendo uma

visibilidade muito grande no mundo. E isso era resultado do trabalho das Relações Internacionais do governo Lula, do crescimento econômico que repercutia amplamente em todas as áreas e setores e pôs o nosso país em evidência. Assim, ao meu entender, a criação de uma Cátedra-Brasil é uma resposta à respeitabilidade que o país estava adquirindo no mundo, um *status* que infelizmente está sendo perdido e não sei se conseguiremos recuperar.

Ao ser convidada pensei bastante sobre o que abordar. Eu não queria tratar de questões gerais centradas no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas trazer algo novo. Resolvi, então, me centrar na temática indígena a partir do lugar onde vivo – não sou daqui, mas vivo em Cuiabá faz muitos anos. E preparei a Aula tomando como suporte a arte de viajantes que estiveram em Mato Grosso no início do século XIX, dando ênfase à sociedade Bororo representada pelo francês Aimé-Adrien Taunay. Abordei, portanto, esse Brasil que alguns gostam de nomear de “Brasil profundo”. Eu achei que foi legal e a receptividade foi muito boa. A partir daí estabelecemos vários contatos, voltei a PUC para dar cursos, Pablo também. Depois Rafael Sagredo esteve aqui conosco na UFMT, participando do seminário que fizemos em 2010, quando o nosso grupo HISARCIPO completou 10 anos. Conseguimos estabelecer intercâmbio e laços que ainda se mantêm.

Pontualmente, com relação à Aula Magna, foi muito importante para mim, pelo reconhecimento ao trabalho que desenvolvemos aqui na UFMT e pela possibilidade de mostrar outras facetas da nossa história. Mas essa experiência deve ser sempre dimensionada como parte da visibilidade e respeitabilidade que o nosso país estava construído no período do governo Lula que, infelizmente, vem sendo perdida.

**Thiago Costa, Ariadne Marinho, Benone Lopes:** *Para concluir, um clichê: qual o papel do historiador em tempos de pandemia?*

**Maria de Fátima Costa:** Essa questão tem rodado na minha cabeça. Tenho visto muitos estudos, textos, algumas *lives* sobre a história das pandemias. Mas eu penso que o papel do historiador em tempos de pandemia não pode se dissociar do nosso papel enquanto seres humanos. Eu não me vejo diante dessa pandemia como uma historiadora. A minha pergunta é: qual o nosso papel enquanto ser humano em uma situação como essa? É um desafio muito grande. Penso que, numa perspectiva otimista, de que tudo vai passar logo, estamos vivendo um momento ímpar, realmente sem precedentes. Mesmo com as diversas pandemias que já ocorreram, estamos agora tendo a oportunidade de vivenciar algo marcante, visceral. Eu nunca imaginei que viveria algo similar, algo nesse sentido. Eu não tenho parâmetros. Não adianta eu saber da gripe espanhola ou das pestes do passado. Para mim, tudo isso está distante. Agora, neste instante, eu estou há quatro meses sem sair de casa. Tudo que está acontecendo agora me afeta muito. Eu não consigo passar imune ao saber que já morreram 85 mil pessoas<sup>14</sup>... Quando morreram cinco mil pessoas, eu botei uma faixa de luto em frente de casa e não consigo tirar. E eu não vou tirar. São coisas que ultrapassam a minha condição de historiadora. Eu tenho a possibilidade de recriar meu dia a dia e sou grata por isso. Eu posso, mas quantos não podem? Eu recebo alimentos em casa porque o entregador, um rapaz, precisa trabalhar, e ele não pode se manter isolado. Ele está exposto, muitos estão. E qual a minha dívida com eles? Nessas circunstâncias, eu não consigo pensar

<sup>14</sup> No final de junho de 2021, eram 500 mil mortos. No começo de fevereiro de 2022 esse número aumentou para 628 mil. Não obstante, em função das subnotificações e do esforço continuado do governo brasileiro em sabotar as medidas sanitárias, estima-se que os óbitos sejam em realidade três vezes mais que o dado oficial.

na individualidade, embora nosso corpo seja um espaço individual. Dentro desse universo, eu vejo o que posso fazer: converso com pessoas, contribuo com entidades, dividido o que tenho. Mas com uma angústia enorme. Talvez não pudéssemos ter evitado a pandemia, mas certamente poderíamos ter evitado que chegasse ao nível que chegou. Esse completo descaso com a vida humana. Isso me faz pensar no sentido do ser humano: essa é a humanidade? Como banalizamos tanto a vida, como vivemos tanto do efêmero. Como viver do efêmero? Temos carros parados e roupas que não vestimos, um monte de coisas que não usamos. Qual o sentido disso? Qual o papel, não do historiador, mas da humanidade, diante dessa pandemia? Se nós não conseguirmos sair dessa situação sem um olhar mais coletivo, sem desenvolver o sentido da solidariedade, não vale a pena continuar vivendo. Não existe nada agora que não esteja condicionado pela pandemia. Acordamos, dormimos, estamos em casa, isolados. Estamos à espera não de um messias, mas de uma vacina. Precisamos ser firmes, apesar de tudo. Mas se não conseguirmos reconhecer o sentido do humano, diante de tudo isso, não sei se vale a pena continuar neste mundo.

## REFERÊNCIAS

- CANCOGNI, Manlio; BORIS, Ivan. *Solano López, o Napoleão do Prata*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 [1ª ed. italiana de 1970].
- COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- COSTA, Maria de Fátima & DIENER, Pablo. *Bastidores da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: Entrelinhas, 2014.
- COSTA, Maria de Fátima e DIENER, Pablo (orgs.). *Spix e Martius: relatórios ao rei*. Rio de Janeiro: Capivara, 2018b.
- COSTA, Maria de Fátima e DOMINGOS, Flávia Kurunczi. *Devassa no Guaporé. Usos e abusos do poder na Colônia. 1798-1805*. Cuiabá/MT: Entrelinhas Editora, 2009.
- DIENER, Pablo e COSTA, Maria de Fátima. *A América de Rugendas. Obras e documentos*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
- DIENER, Pablo e COSTA, Maria de Fátima. *Martius*. Rio de Janeiro: Capivara, 2018a.
- DIENER, Pablo e COSTA, Maria de Fátima (org.). *Um Brasil para Martius*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- DIENER, Pablo e COSTA, Maria de Fátima (org.). *Rugendas. El artista viajero*. Santiago: Biblioteca Nacional do Chile, 2021.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. Revisão técnica de Hilário Franco Jr. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1º ed. italiana 1976].
- HARLEY, J. B. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. Tradução de Leticia García Cortés e Juan Carlos Rodriguez. México – DF: Fondo de Cultura Económica, 2005 [1ª ed. em inglês, 2001].
- MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e Historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. UNICAMP, 2001.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, v.101.4, n. 8. p. 198-215, 1991 [1º ed. em inglês, 1988];